



PREFEITURA DE SÃO GONÇALO  
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

## Arte grega

Sempre que um povo desaparece, e com ele todos os testemunhos capazes de dissipar os mal-entendidos, é frequente proliferarem mitos e meias verdades. Felizmente, a arqueologia permite corrigir muitos enganos. Durante longo tempo, os gregos ficaram praticamente relegados ao esquecimento, suas terras escondidas atrás de uma cortina. Foi necessário um renascimento do interesse pelos estudos clássicos para que a Grécia emergisse das profundezas das eras. Mas nem sempre isso aconteceu dentro do respeito pela História ou pelos monumentos deixados pela brilhante civilização helênica.

A renovada paixão pela Grécia e por sua arte desencadeou uma verdadeira caça ao tesouro. Os turistas da época com frequência procuravam carregar um objeto antigo, como lembrança de viagem. Mas estavam longe de ser os únicos a se comportar desse modo. Os romanos, que ocuparam a região no século 2º a.C., consideravam as obras de arte como despojos de guerra. Logo em seguida, floresceu o comércio: enorme quantidade de navios, repletos de tesouros, içavam suas velas e rumavam para a Itália, onde os escultores desenvolveram sofisticadas técnicas de moldagem, para copiar as obras-primas da arte grega. Até a descoberta dos primeiros destroços de navios contendo bronzes gregos, no início do século 20, a escultura helênica era conhecida principalmente pelas cópias feitas pelos romanos.

A paixão de Roma pela estatuária grega demonstra a veneração dos novos senhores do Mediterrâneo pela cultura do país que haviam conquistado. O poeta latino Horácio escreveu: “A Grécia cativa conquistou seu feroz conquistador”.

As hordas bárbaras saquearam Atenas em 395, quando o imperador Teodósio dividiu o Império Romano entre os seus dois filhos: o Ocidente coube a Horácio e o Oriente a Arcádio. A Grécia então se tornou, por mais de catorze séculos, parte integrante do Império do Oriente, ou Império Bizantino, cuja capital, Bizâncio, foi rebatizada como Constantinopla. O centro da vida grega se deslocou de Atenas para Constantinopla, e a cultura grega praticamente desapareceu, sofrendo um golpe mortal quando as autoridades elevaram o cristianismo à posição de religião oficial, ao mesmo tempo que proscovia o paganismo. Os templos nos quais os gregos rendiam homenagem a seus deuses foram fechados. Os Jogos Olímpicos consagrados a Zeus, cuja última celebração ocorrera em 393, precisaram esperar dezesseis séculos para renascer.

A Grécia mergulhou em sono profundo. Se por um lado, o Império Bizantino foi poupado da destruição que os bárbaros infligiram à Europa Ocidental nesse período, por outro a Grécia sofreu com o esquecimento em que mergulhou. Seus monumentos, principalmente, foram relegados ao total abandono.

A partir do início do século 13, os europeus, cada vez em maior número – nem aventureiros, nem eruditos, mas conquistadores, passaram a se interessar pela Grécia.

Quando o interesse pelo mundo antigo se reacendeu, no início da Renascença, a Hélade não era mais que uma sombra de si mesma. A miséria e os famintos rebanhos de cabras haviam transformado a quase totalidade da região em um extenso deserto empestado de malfeitores, com o solo devastado pela erosão e as colinas destruídas pelo desmatamento. A maior parte dos grandes templos e dos edifícios públicos havia

desmoronado, o país inteiro oferecia o espetáculo de uma terra abandonada e coberta de ruínas.

Com o tempo, os europeus retomaram o interesse pela região na qual florescera a cultura grega. Intrépidos viajantes visitaram o lugar para ver o que restava do glorioso passado. O mais empenhado dentre eles foi, sem dúvida, o italiano Ciriaco Pizzicolti, mais conhecido como Cyriaque d’Ancône. Esse mercador viajante, cujos negócios levaram a empreender grandes viagens, escreveu: “Fui tomado de um ardente desejo de ver o mundo, de procurar os monumentos da Antiguidade espalhados em todas as regiões do universo, e que são, há longo tempo, o principal objeto de meus estudos”.

Cyriaque d’Ancône encheu seus cadernos de inscrições copiadas de edifícios, de esboços de templos, monumentos e obra de arte. Infelizmente, com exceção de uma pequena parte, esses preciosos documentos desapareceram em um incêndio, em 1514. Mas o pouco que subsistiu foi suficiente para que os especialistas considerassem Cyriaque o fundador da arqueologia grega.

Os turcos capturaram Constantinopla em 1453, e puseram fim, definitivamente, ao que restava do Império Bizantino – fundado mil anos antes. O triunfo dos turcos novamente isolou a Grécia do Ocidente. Pouco depois da queda de Constantinopla, os territórios francos localizados na Grécia continental tombaram sob o jugo dos otomanos. Eles ocuparam também Atenas, onde, em 1460, as autoridades muçulmanas decidiram construir um minarete no Partenon, a fim de transformar o antigo templo de Atena em mesquita.

Ao longo de 150 anos, o acesso aos territórios conquistados pelo Império Otomano permaneceu interdito aos ocidentais. De qualquer forma, o isolamento da Grécia não diminuiu o entusiasmo dos ocidentais por sua cultura. Na verdade, a popularidade da arte grega atingiu novas alturas. No mundo dos poderosos e dos abastados estavam reunidas as mais belas coleções de antiguidades gregas. Qualquer dirigente europeu com a mínima pretensão de passar por homem de bom gosto devia possuir um conjunto de estátuas antigas. E, quando os originais rarearam, os monarcas mandaram fazer cópias.

No século 17 melhoraram as relações entre o Império Otomano e as potências ocidentais, e os europeus obtiveram autorização para visitar a Grécia. A maior parte dos que para lá se aventuraram desejava, antes de tudo, procurar obras de arte.

O marquês de Nointel, embaixador francês em Istambul, graças a seu cargo, visitou Atenas em 1673, em companhia do pintor Jacques Carrey: privilégio inestimável pois, dez anos mais tarde, recomeçaram as hostilidades entre Veneza e o Império Otomano. Uma bomba de artilharia caiu no Partenon, detonando a pólvora ali estocada pelos turcos. A explosão destruiu o centro do templo, reduzindo a migalhas muitas estátuas de Fídias. Os desenhos a lápis do Partenon, feitos por Jacques Carrey treze anos antes, constituem a única documentação acerca dos tesouros da estatuária helênica desaparecida naquele dia.



Em 1674, outro arqueólogo francês, Jacob Spon, empreendeu uma grande viagem à região e redigiu o mais completo relato acerca das ruínas da Grécia desde a época de Pausânias (historiador e geógrafo grego do século II, redigiu um guia intitulado *Descrição da Grécia*). Jacob Spon percorreu o país durante quase um ano, em companhia do botânico inglês Georges Wheler.

Durante sua viagem copiou mais de 2 mil inscrições antigas, que lhe permitiram identificar sítios dos quais não

se sabia os nomes antigos. O resultado de seu trabalho foi a obra intitulada *Viagem à Itália, Dalmácia, Grécia e Levante*. Seu livro, traduzido em várias línguas, conheceu grande sucesso entre os muitos visitantes que seguiram seus passos no século 18.

Na Inglaterra, a sociedade dos Dilettanti, que desde 1730 congregava os amantes da arte, contribuiu para estimular o interesse pela Grécia. Em 1749, adotaram um projeto digno de suas aspirações mais elevadas. Encarregaram o pintor James Stuart e o arquiteto Nicholas Revett de fazer um inventário preciso dos monumentos de Atenas.

Por quase dois anos, os artistas estudaram e registraram as ruínas da cidade. O resultado disso são quatro volumes que fizeram de sua estada na Grécia, publicado sob o título *As antiguidades de Atenas*. O livro de Stuart e Revett teve divulgação relativamente limitada, mas sua influência foi enorme. Desde a Renascença, os arquitetos copiavam elementos dos edifícios da Antiguidade, tendo como modelo a arquitetura romana. A partir da publicação da obra patrocinada pela sociedade dos Dilettanti, passaram a se inspirar na Grécia. Reproduções em miniatura de templos gregos, alguns desenhados por Stuart e Revett quando voltaram à Inglaterra, surgiram nos jardins das famílias mais favorecidas; nas grandes cidades européias, igrejas e edifícios públicos foram ornamentados com colunas que imitavam as do Partenon. O movimento chegou até o continente americano. A arquitetura neoclássica passou a ser parte integrante da paisagem do nordeste dos Estados Unidos.



Na mesma época, o arqueólogo alemão Johann Joachim Winckelmann definiu os princípios do neoclassicismo, nome que o estilo recebeu mais tarde, em sua obra *História da arte na Antiguidade*. No entanto, ele se contentou em estudar a herança helênica de Roma e das cidades recém-descobertas de Pompéia e Herculano, em vez de ir até a Grécia, como haviam feito Stuart e Revett. Winckelmann foi o primeiro a classificar as obras de acordo com seu estilo e com o período da arte grega ao qual pertenciam. Além disso, chegou à conclusão que a escultura romana não era mais que uma cópia, mais ou menos inspirada, dos modelos gregos. Seu ponto de vista subverteu as ideias aceitas sobre as duas grandes culturas da Antiguidade. Sua frase, “A única maneira de nos tornarmos grandes é imitando os gregos”, não tardou a se tornar a palavra de ordem do neoclassicismo.

Os trabalhos de Winckelmann, de Stuart, de Revett e de seus sucessores tiveram sucesso ainda maior no início do século 19. A questão da localização dos sítios históricos ainda deixava muito a desejar.

Foi a partir de 1804 que o mapa arqueológico da Grécia se tornou mais preciso. A França e a Inglaterra estavam em guerra e Napoleão ameaçava o Império Otomano, que, estando em declínio, pediu auxílio aos ingleses. William Martin Leake, coronel do exército britânico, foi enviado à Grécia para estudar formas de evitar um eventual ataque francês, em conjunto com as autoridades locais. Ele também recebeu a incumbência de fazer um levantamento militar do território, além de realizar um estudo geográfico. De volta à Inglaterra, publicou os resultados de suas pesquisas em várias obras de arqueologia e de história, entre outras, uma *Topografia de Atenas e de seus arredores*, e uma obra de oito volumes intitulada *Viagens pela Grécia Setentrional e pela Morea*.

Os trabalhos do arqueólogo inglês permitiram identificar lugares célebres e provocaram um afluxo de viajantes de todas as partes, sobretudo da Inglaterra. De fato, a palavra ‘Grécia’ havia se tornado sinônimo de inspiração artística.

Mas a Grécia pagaria muito caro pela enorme admiração que suscitava. Não contentes com o enfrentamento nos campos de batalha, as grandes potências europeias deflagraram uma luta encarniçada para se apropriar das obras de arte da Antiguidade. Cada qual começou por fundar um grande museu, destinado a simbolizar o alto grau de civilização que havia alcançado, antes de se lançar a uma corrida desenfreada para se apossar dos tesouros da Grécia antiga. Os gregos, que continuavam sob o jugo otomano, estavam incapacitados de reagir, apesar de todos os vestígios de seu passado glorioso estarem ameaçados por alemães, ingleses, franceses e outros europeus; todos, sem exceção, se consideravam salvadores de um patrimônio deixado ao abandono durante séculos.

Thomas Bruce, conde de Elgin, era embaixador da Inglaterra na Turquia quando se interessou pelo Partenon de Atenas, coração da civilização grega clássica, que os muçulmanos denominavam “templo dos ídolos”. O arquiteto Thomas Harrison sugeriu ao diplomata que fizesse moldes das esculturas do templo e os enviasse para a Inglaterra, onde serviriam para fins pedagógicos. Então, Elgin se pôs à procura de alguém capaz de assumir esse encargo. A escolha de Elgin recaiu sobre o artista italiano Giovanni Batista Lusieri.

Lusieri foi enviado a Atenas em companhia de um grupo de especialistas encarregados de ajudá-lo, enquanto Elgin voltava para Istambul, requisitado por suas funções oficiais. Ao chegar, o pintor constatou o estado de degradação das esculturas: algumas estavam desfiguradas pelas tropas turcas que ocuparam a Acrópole, outras reduzidas a pó para servir de argamassa. Quanto ao Partenon, permanecia intacto em grande parte, apesar da explosão de 1687 e de os turcos terem arrancado os invólucros de chumbo dos grampos de ferro que mantinham juntos os blocos das colunas. Giovanni Lusieri escreveu, então, a seu empregador: “Estou convencido de que dentro de meio século não haverá uma só pedra no lugar”.

Persuadido de que estava contribuindo para salvar um elemento essencial do patrimônio da humanidade, Elgin conseguiu obter um documento oficial dos dirigentes otomanos – chamado *firman*, em turco – que o autorizava não apenas a copiar as obras de arte, mas também a “retirar todas as peças contendo antigas inscrições ou figuras”.

Retiraram 56 lajes do friso, 15 métopas, e pelo menos uma dúzia de estátuas dos dois frontões. Apossaram-se também de fragmentos dos baixos-relevos e do friso do pequeno templo de Atena Niké, que ornara a entrada da Acrópole até 1687, data na qual o vandalismo turco o desmantelou para erigir um bastião em seu lugar.

Para transportar até a Inglaterra os mármore arrancados foi preciso fretar pelo menos 22 navios. Um deles naufragou durante a viagem, e foram necessários três anos para recuperar sua preciosa carga.

Como as autoridades britânicas se recusavam a pagar o preço pedido, o conde precisou esperar sete anos até o Parlamento decidir lhe oferecer 35 mil libras. As esculturas tornadas propriedades da nação britânica, foram instaladas no Museu Britânico de Londres, onde estão até hoje, a despeito dos reiterados pedidos de restituição feitos pelas autoridades gregas. Os britânicos argumentam, de forma mais ou menos falaciosa, que se concordassem com a devolução abririam um precedente, ameaçando esvaziar grande número de museus em todo o mundo.

Outros mármore chegariam à Inglaterra nesse ínterim. Tratava-se desta vez de fragmentos do friso do templo de Apolo Epicúreo, em Bassae, local pouco visitado do Peloponeso, a cerca de 30 quilômetros de Olímpia. O responsável por essa descoberta foi o círculo de Xeneion, que reunia arquitetos e escritores dedicados a salvaguardar antiguidades gregas.



Os membros do Xeneion foram os primeiros a realizar escavações para encontrar objetos; pode-se dizer que, com eles, a arqueologia grega verdadeiramente deu seus primeiros passos.

Em 1811, os membros do Xeneion desenterraram as ruínas do templo de Afaia, deusa nativa mais tarde identificada com Ártemis (Athena).



Em Egina os arqueólogos encontraram “não menos de dezesseis estátuas, treze cabeças, pernas e alguns braços”, ao pé dos frontões leste e oeste do templo de Afaia.

As esculturas da Ilha de Egina foram compradas pelo rei Luís I, da Baviera. Os preços pagos pelos colecionadores mais prestigiados da Europa levaram a febre de caça aos tesouros da Grécia antiga.

Halicarnasso, pequena cidade costeira dominada por um imponente castelo construído em 1400 pelos cavaleiros de São João, foi um dos sítios gregos da Ásia Menor descoberto naquela época.

No século 4º a.C., Halicarnasso (atual Bodrun, na Turquia) era a capital do reino de Cária, governado pelo rei Mausolus. Quando o soberano morreu, em 353 a.C., sua esposa Artemísia mandou erigir para ele um túmulo magnífico, cujas dimensões imponentes permitiam que fosse avistado do alto-mar pelos navegantes, decorado tão suntuosamente que foi incluído entre as Sete Maravilhas do Mundo. De acordo com o naturalista romano Plínio, o Velho, o monumento se compunha de três andares, todos eles ornados de estátuas. O Mausoléu, cuja altura total era 42 metros, se elevava sobre uma alta plataforma retangular, encimada por 36 colunas jônicas e por uma pirâmide de 24 degraus, em cujo topo se erguia uma estátua do rei Mausolus, em uma carruagem puxada por quatro cavalos.



No início do século 13, o Mausoléu ainda estava intacto, mas, por razões desconhecidas, ruiu pouco tempo depois. Em 1494, os cavaleiros de São João decidiram reforçar as defesas de seu castelo e recolheram o material necessário para a construção nas ruínas da gigantesca tumba, de modo que em 1522 já não restava praticamente nada.

Durante a invasão otomana, o castelo dos cavaleiros de São João foi tomado pelos turcos e, durante anos, teve seu acesso interdito à quase totalidade dos ocidentais. No século 18, o inglês Richard Dalton conseguiu ser admitido no castelo. De volta à Inglaterra, publicou vários desenhos dos fragmentos de um friso do Mausoléu que representava, entre outras cenas, um combate entre os gregos e as amazonas. Um século depois, as esculturas atraíram a atenção do enviado inglês a Constantinopla, visconde Stratford de Redcliffe, que, em 1846, obteve permissão para retirá-las.



As ruínas do friso das amazonas foram oferecidas ao Museu Britânico, como presente do sultão otomano. Desperteram o interesse de um dos curadores do museu o qual resolveu se dedicar à pesquisa e à reconstrução do Mausoléu.

Embora não restassem naquele sítio vestígios da tumba do rei Mausolus, uma descrição feita pelo arquiteto romano Vitrúvio, no século 1º a.C., permitiu que Charles Newton identificasse o local onde estivera um dia erigida.

Ao escavar um plano inclinado no qual o solo era mais profundo que no restante do terreno, descobriu um depósito com inúmeras esculturas amontoadas. Encontrou 66 estátuas e outros mármore, entre os quais figurava uma boa parte dos cavalos de atrelagem que um dia coroava o monumento. Havia também vários leões de pedra, além de um par de estátuas monumentais que o arqueólogo identificou como representações do rei Mausolus e de sua esposa Artemísia.



Na década de 1860, o arqueólogo Charles Newton participou das pesquisas para encontrar outra das Sete Maravilhas do Mundo.



Desta vez, se tratava do templo de Ártemis, em Éfeso, antiga cidade da costa ocidental da Ásia Menor (uma cidade portuária grega na costa oeste da atual Turquia).

Construído no século 6º a.C. por Creso, rei da Lídia famoso por suas fabulosas riquezas, o santuário se tornou um lugar de peregrinação muito frequentado até 356, data em que foi incendiado por Eróstrato. Reconstruído logo depois, voltou a ser saqueado e completamente destruído pelos citas e pelos bizantinos.

As escavações começaram na primavera do ano de 1863, com o engenheiro inglês John Turtle Wood, e se estenderam até 1873 quando puderam enviar para o Museu Britânico mais de 60 toneladas de ruínas arquitetônicas e de esculturas do templo de Éfeso.

Felizmente, a arqueologia grega estava a ponto de tomar um rumo mais sério, com a chegada de uma equipe de alemães que se empenhou no estudo sistemático de Olímpia. Durante seis estações de escavações, eles trouxeram inteiramente à luz o recinto sagrado do templo de Zeus. Descobriram também centenas de inscrições, vasilhas de cerâmica, objetos de bronze e esculturas de mármore.



Entretanto, apesar de seus desejos, os arqueólogos alemães não puderam se apropriar das esplêndidas estátuas, nem dos demais objetos. Na verdade, antes de concordar com as escavações, a Grécia exigira que a Alemanha assinasse um acordo nesse sentido – o primeiro do gênero na história das relações entre países soberanos. A convenção de Olímpia, assinada em abril de 1874, dava aos alemães o direito de organizar os trabalhos como bem entendessem, sob o controle da Grécia, e também fazer cópias e moldes de todas as obras, desde que assumissem o custo das operações; mas todos os originais permaneceriam em terras gregas.

Por ocasião das escavações realizadas segundo a Convenção de Olímpia, a arqueologia grega fez novos progressos em termos de precisão e preocupação com detalhes. Tratava-se de fazer ressurgir do solo os traços e a história não apenas de um monumento, mas de todo o complexo a seu redor. Assim, os alemães registraram cuidadosamente em um diário as circunstâncias precisas que haviam cercado a descoberta de cada objeto. Artistas desenhavam as esculturas no momento em que apareciam na superfície, muitas vezes até mesmo antes de ser completamente desenterradas. Ao contrário de Wood, os arqueólogos redigiram descrições detalhadas

acerca do avanço dos trabalhos, que eram publicadas a intervalos regulares, mantendo o grande público informado dos resultados de suas pesquisas.

Daí em diante, as escolas de arqueologia fundadas em Atenas pelas potências ocidentais seguiram fielmente o exemplo dos pesquisadores alemães. A França havia estabelecido a primeira instituição desse gênero em 1846, com a Escola Francesa de Atenas. Nove anos antes os gregos ganharam uma sociedade arqueológica. As nações prósperas, a exemplo dos franceses, criaram suas próprias instituições de arqueologia: primeiramente os alemães, seguidos pelos americanos e pelos ingleses e, alguns anos mais tarde, pelos austríacos e pelos italianos.

As escavações começadas no ano de 1892 pelos franceses, em Delfos, mostraram as ruínas de 235 edifícios e monumentos. O museu construído nas proximidades do sítio abriga mais de 7 mil objetos, dentre os quais um bronze de beleza excepcional, o Auriga de Delfos, estátua em tamanho natural representando um condutor de carro, que foi descoberta aos pedaços, entre o final de abril e o começo de maio de 1896.

O Auriga de Delfos, hoje no Museu de Delfos, fazia parte de uma estátua em bronze reproduzindo uma quadriga levada por seu condutor. Foi desenterrada juntamente com um bloco de sua base, no qual uma inscrição revela se tratar de uma encomenda feita por Polyzalos, tirano da colônia grega da Sicília, em memória da vitória de suas parelhas de cavalos nos jogos Píticos de 478 a.C. a 474 a.C.



## UM NOVO DIA ILUMINA A GRÉCIA ARCAICA



A civilização cicládica se desenvolveu nas ilhas do Mar Egeu, a sudeste da Grécia continental, durante o início da Idade do Bronze, entre 3500 a.C. e 2000 a.C., e foi seguida pela civilização minóica de Creta (2000 a.C. a 1470 a.C.). Os minóicos criaram uma arte brilhante e um modo de vida refinado, transformando profundamente a vida social. Dentre as características próprias dessa cultura figura a escrita conhecida como Linear-A.

Quando os minóicos estavam em seu apogeu, outra cultura do final da Idade do Bronze se desenvolvia em vários centros do continente: Atenas, Tirinto, Pilos e Micenas, que deu nome a essa civilização. Cultivando seu próprio modo de vida, os micênios foram bastante influenciados pelos minóicos, que haviam suplantado. Pertencentes aos povos de língua grega, sua escrita ficou conhecida como a Linear-B.

Do mesmo modo que seus predecessores minóicos, os micênios se organizavam da maneira que os arqueólogos denominam 'culturas palacianas', isto é, sociedades centradas em grandes conjuntos de palácios de pedra, nos quais viviam os reis. Eram regidos por administradores que aplicavam as leis e geriam a economia. Esses palácios, parecidos com fortalezas e conhecidos pelo nome de acrópoles, ou cidades altas, foram construídos pelos micênios em escarpas elevadas.

O poderio dos micênios não cessava de crescer, mas entre 1250 a.C. e 1190 a.C. declinou subitamente, sem dúvida devido a um conjunto de eventos. Os arqueólogos apresentaram diversas hipóteses para explicar o desaparecimento dos micênios: guerra civil, revolução ou invasão, às quais sem dúvida se juntaram a fome e outras grandes catástrofes econômicas. Seja como for, o sistema micênico de governo e sua organização palaciana desapareceram; a maioria dos grandes centros foi destruída ou abandonada, e os sobreviventes fugiram para os confins do mundo helênico – as regiões litorâneas e as

ilhas. Os micênicos se volatizaram como povo indetectável, enquanto se abatia sobre o mundo helênico uma idade sombria, que deveria durar cerca de trezentos anos, ao longo dos quais apareceram populações menos evoluídas – como os misteriosos dórios.

Esse período quase desconhecido foi batizado de ‘séculos obscuros’. O desaparecimento da organização palaciana foi acompanhado pelo da escrita. A arte também decaiu, deixando raros vestígios que preenchem algumas lacunas no conhecimento arqueológico. Apesar de todo seu empenho, os especialistas conseguem descrever apenas um quadro imperfeito dessa época. A cerâmica encontrada, espalhada por toda a Grécia e também nas ilhas, sugere um declínio maciço da população ao longo de um período bem definido. Um inventário dos lugares habitados efetuado em 1964 chega a uma conclusão semelhante: havia 320 sítios ocupados no século 13 a.C., 130 no século 12, e apenas 40, no século 11. Na alvorada do primeiro milênio antes de nossa era, quatro quintos dos sítios micênicos haviam sido abandonados, despovoando inúmeras regiões e ilhas. Em relação ao século posterior ao desaparecimento dos micênicos, os arqueólogos não encontraram nenhuma obra de arte grega além-mar, nem o menor objeto estrangeiro em terras helênicas.

A ausência, a raridade, ou a baixa qualidade dos objetos usuais testemunham uma pobreza generalizada. As descobertas feitas nas tumbas disseminadas por toda a Grécia central mostram que a obsidiana passou a substituir o metal, nas pontas das flechas. Anéis de osso, fundas de pedra, tudo traía a penúria individual e coletiva e a falta de materiais. Além disso, a Grécia sofria de grave carência de lâmpadas, justificando o nome de idade obscura.

Dessa terra de esquecimento e trevas, pouco a pouco emergiu um outro mundo helênico, portador de uma nova cultura que gerou a arte, a filosofia e a literatura. Acabou se difundindo pela maior parte da bacia mediterrânea e constituindo o legado comum de todo o mundo ocidental. A partir do século 11<sup>o</sup> a.C., os gregos conheceram sucessivos períodos de desenvolvimento, que foram denominados pelos estudiosos de acordo com o estilo de cerâmica característico. De forma genérica, o período chamado *protogeométrico* foi dominante de 1050 a.C. a 900 a.C.; o *geométrico* de 900 a.C. a 750 a.C.; e o *orientalizante*, de 750 a.C. a 600 a.C.

À medida que sua produção econômica e artística progredia, os gregos iam viajar cada vez mais longe, por terra e por mar, se dedicando ao comércio e à colonização dos territórios por onde passavam, absorvendo as características mais atraentes de cada cultura e transformando-as em fenômeno especificamente grego. Esses mercadores e esses colonizadores iam levar, para além-mar, os elementos essenciais de sua pátria mãe – não apenas a organização da unidade política fundamental em sua cultura, a cidade-Estado, mas também sua língua, seus deuses, sua literatura, sua filosofia e sua ciência. Com o tempo o Mediterrâneo se tornou um “lago grego”.

Por mais sombrio que tenha sido, no longo intervalo que se escoou entre o fim dos micênicos e o aparecimento da nova civilização, a derrocada não foi geral. Atenas escapou da ruína, e parece que algumas das grandes ilhas egéias continuaram a prosperar.

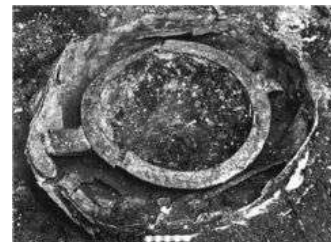
As descobertas feitas em Lefkandi indicam que naquela época a Eubéia florescia. As escavações realizadas no ano de 1981 em Toumba, perto da aldeia de Lefkandi, localizaram o mais amplo e refinado edifício da região. Na peça central, os arqueólogos encontraram um poço cavado na rocha, dividido em dois compartimentos: um continha os esqueletos de quatro cavalos, aparentemente sacrificados; no outro estavam os restos calcinados de um homem e o esqueleto de uma mulher.

Talvez fossem casados e a esposa tivesse sido imolada durante os funerais do marido, pois ao lado de sua cabeça estava um punhal de ferro com cabo de marfim. O corpo do homem, evidentemente, havia sido queimado em uma pira funerária e suas cinzas recolhidas em uma urna de bronze, colocada ao lado de sua espada, sua lança (ambas de ferro) e sua pedra de afiar. As cinzas estavam embrulhadas em uma túnica



longa, feita de puro linho, que, para enorme surpresa dos arqueólogos, se conservara em grande parte em excelente estado ao longo de quase 3 mil anos.

Após as escavações, os pesquisadores concluíram que certamente a construção era um *heroön* em honra do guerreiro. Os *heroõa* eram santuários consagrados ao culto dos heróis. Neste caso, o homem cremado devia ser um guerreiro, pertencente sem dúvida a uma linhagem real. Os arqueólogos lhe deram o nome de Herói de Lefkandi; essa tumba é o mais antigo edifício do gênero encontrado até hoje.



As tumbas de Eubéia foram relacionadas com outras, descobertas vinte anos antes em outra ilha, Chipre, e atribuídas a reis. No final da Idade do Bronze, Chipre havia acolhido imigrantes micênicos, que provavelmente fundaram Salamina, por volta de 1075 a.C. As escavações realizadas em Chipre, a partir de 1956, revelaram a existência de uma florescente indústria de fundição de ferro e cobre.

Parece que, como a Eubéia, Chipre também gozava de um nível vida elevado durante os séculos obscuros. Embora as tumbas reais de Salamina – entre as quais as primeiras remontam a cerca de 750 a.C. – sejam cerca de duzentos anos posteriores às da Eubéia, evidenciam certas práticas que datam da Idade do Bronze e sugerem uma continuidade da tradição. Indicam, por exemplo, que as pessoas do povo eram enterradas em tumbas talhadas na rocha, desprovidas de decoração, enquanto que os membros das classes superiores repousavam em um local da necrópole reservado à família real e à aristocracia, para onde eram levados com suntuosas demonstrações de pompa, de acordo com os costumes funerários micênicos.

Os objetos mortuários cipriotas pertencem a uma variada gama de estilos. São provenientes do Egito, da Fenícia, da Síria, da Ásia Menor, da Grécia (particularmente de Atenas) e inclusive de Chipre. Durante esse período, Chipre estabeleceu as bases de uma rede de comércio e influência que se estendeu bem além das margens do Mar Egeu.



Entre os túmulos de Salamina o mais belo é a tumba 79, edifício retangular formado por dois enormes blocos de pedra encimados por um teto de duas vertentes, com uma entrada monumental. Ao abrir a tumba os arqueólogos encontraram três tronos e um leito de madeira, ricamente trabalhados, ornados de placas de marfim. Um dos tronos estava recoberto de finas folhas de prata fixadas com cravos do mesmo metal.

O sacrifício de parelhas de cavalos de tiro em todas as sepulturas de Salamina evoca os funerais de Pátrocolo, amigo de Aquiles, herói da *Ilíada*. Os arqueólogos notaram que a tumba 79 havia sido usada duas vezes: uma no final do século 8º a.C., para enterrar um rei, e outra, logo em seguida, para abrigar outro personagem real. Nos dois casos, o cadáver estava acompanhado da equipagem de quatro cavalos e um carro, cujas rodas eram fixadas por longas cavilhas de cerca de 60 centímetros. A presença dos cavalos e do carro denota a alta posição dos mortos. Nos dois casos, o sacrifício não havia sido somente de animais, mas também humano, pois um esqueleto de mãos atadas jazia defronte ao cadáver. Outras tumbas de Salamina demonstram que às vezes os mortos eram cremados, segundo a tradição da Grécia continental.

Atualmente, se acredita que as tumbas de Eubéia e de Chipre testemunhem a prática dominante na época para funerais de heróis e personagens eminentes.

As cidades espalhadas pela Hélade que foram atingidas pelo declínio principiaram um processo que os gregos denominaram *synoikismos*, identificando o reagrupamento de muitas cidades ao redor de uma capital. Dentro de um perímetro definido, localidades que partilhavam interesses comuns se reuniram e constituíram entidades territoriais ligadas a uma única cidade, como Esparta e Corinto. Na Ática, de acordo com a tradição, as aldeias concordaram em se transformar em satélites de Atenas, o principal centro da região. Assim se deu o primeiro passo em direção à criação da entidade política que viria a

caracterizar a civilização helênica: a cidade-Estado, conjunto que engloba uma cidade e seus arredores, cujo governo não tem ligações formais com nenhuma organização política externa.

As cidades-Estado proliferaram entre 850 e 750 a.C.; de acordo com algumas estimativas, teriam existido cerca de setecentas. Pouco antes de 850 a.C., as rotas marítimas começaram a reabrir, e um punhado de negociantes empreendeu a tarefa, em escala ainda modesta, de estabelecer postos de comércio, ou *emporía*, além-mar. Na Grécia, era crescente a demanda de metais, matérias-primas e gêneros alimentícios, que podiam ser adquiridos pela troca – por objetos manufaturados em solo nacional. Mas muitos gregos logo voltaram os olhos para o exterior, e o *emporía* por eles fundados não tardaram a se transformar em ricas e poderosas colônias. A partir do século 8<sup>o</sup> a.C., os colonizadores helenos se instalaram nas ilhas do Mar Egeu e no litoral da Ásia Menor, antes de se lançar em direção ao norte da Síria, à Fenícia e à Palestina. Em todas essas regiões, as escavações confirmaram a presença dos gregos.

Com o aumento da população e a crescente escassez de víveres e outros recursos naturais, o movimento de migração dos gregos tomou proporções de verdadeiro êxodo; foram fundadas colônias desde as bordas setentrionais do Mar Negro até a África; das fronteiras da Mesopotâmia, a leste, até a França e a Espanha, a oeste. A partir de 750 a.C., e durante cerca de cem anos, muitos desses colonos iriam, por sua vez emigrar e construir outras cidades. A oeste, o objetivo inicial dos emigrantes era a Itália.

Apesar do início modesto, as colônias gregas não tardaram a se expandir por toda a Itália. Os helenos chegavam de navio, escolhiam um terreno ao longo do litoral, edificavam casas e templos e circundavam suas cidades com uma muralha. Distribuíam as terras entre si, tratavam de cultivá-las e se dedicavam então ao comércio e à indústria. Inevitavelmente, surgiam conflitos e eclodiam guerras entre as colônias: algumas triunfavam, outras eram destruídas. O sul da Itália chegou a ser denominado Magna Grécia, a 'Grande Grécia', devido à quantidade de cidades helênicas. Várias encontraram seu lugar na História – Posseidônia, Crotona e Síbaris (atual Calábria), além de Gela, Siracusa e Agrigento (Agrigento), na Sicília.

A história da Grécia do século 7<sup>o</sup> a.C. é marcada ao mesmo tempo pelo crescimento da colonização e do comércio e por um afluxo de produtos vindos do Oriente – trabalhos em metal, marfim esculpido, bibelôs e tecidos. Esse intenso vaivém não se limitava às mercadorias; as pessoas também circulavam entre a Grécia e as cidades do leste, e levavam consigo ideias novas, particularmente no domínio das artes. Desse modo, os contatos com o Egito, por exemplo, revolucionariam a arquitetura grega e a escultura monumental.

No século 5<sup>o</sup> a.C., Heródoto conta a aventura de compatriotas que foram arrastados por uma tempestade para as costas do Egito e entraram para o serviço do faraó Psamético. Como agradecimento, receberam terras no vale do Nilo e se tornaram os primeiros estrangeiros a se instalar em solo egípcio.

O Egito, com suas cidades reais de grandes edifícios, inspirou aos helenos sua concepção de arquitetura monumental e estatuária gigantesca. Mas eles não imitaram tanto a arquitetura propriamente dita, mas sim o material usado e sua escala – as imponentes dimensões conseguidas com o uso da pedra. Antes de tomar contato com a cultura egípcia, os gregos construíram seus templos segundo um plano bem estabelecido: um retângulo cercado por colunas, tendo no interior uma peça central, em geral flanqueada por uma dupla colunata, abrigando um ídolo. Por trás poderia haver um tesouro destinado a recolher as doações oferecidas ao deus, e um altar se erguia em frente da porta. Na maioria dos casos, as paredes eram de tijolo cru, o teto em argamassa ou palha, e as colunas de madeira.

Mas a partir de 600 a.C., depois que os gregos conheceram a monumental arquitetura egípcia, passaram a construir seus templos inteiramente em pedra. Dois sistemas, ou ordens, de arquitetura ganharam forma: o jônico e o dórico.

As estátuas em pedra dos deuses e heróis míticos iriam embelezar as novas edificações. Essas esculturas, que apareceram na Grécia do século 7º a.C., se inspiravam em protótipos orientais. Mas assim que a imaginação dos artistas gregos se apoderou desse modelo estrangeiro, o resultado foi algo de prodigioso, fruto de sua maestria no domínio das linhas e do equilíbrio. Foi no *kouros* (*kouroi*, no plural), estátua em tamanho natural de um jovem nu, e na *koré* (*korai*, no plural), seu equivalente feminino, que essa síntese encontrou expressão mais sublime. À primeira vista, a rigidez hierática desses personagens lhes confere uma aparência egípcia. Mas o tratamento do corpo, a postura cada vez mais fluida, e o 'sorriso' arcaico, enigmático, são essencialmente gregos.

Se a Grécia antiga se beneficiou da influência oriental no campo arquitetônico, é aos fenícios que deve o desenvolvimento de sua literatura, pois o alfabeto grego é uma adaptação do fenício.

Há longo tempo os poemas épicos, de encantadora beleza, eram transmitidos oralmente. O novo alfabeto permitiu que fossem registrados por escrito e, pela primeira vez, conservados integralmente para as gerações futuras. De todas as epopéias, as maiores e mais célebres são, naturalmente e, as de Homero.

Meio século depois dele, Hesíodo publicou sua *Teogonia*, uma especulação sobre a criação do universo, e *Os trabalhos e os dias*, carta em versos dirigida a seu irmão, na qual esboça um quadro da vida cotidiana dos agricultores do ano 700 a.C.

Com o aparecimento da escrita, o período pré-histórico chegou ao fim. Costuma-se estabelecer o início formal da era histórica em 776 a.C., ano dos primeiros jogos de Olímpia, no qual corredores, praticantes de salto em distância, lutadores e arremessadores de disco ou dardo, vindos dos quatro cantos do mundo grego, se enfrentaram em honra a Zeus. Daí em diante, os jogos foram celebrados a cada quatro anos. Os gregos apreciavam o atletismo, que era objeto de celebração em diversos lugares. Regularmente eram realizados em Delfos grandes festas, acompanhadas de concursos atléticos, em honra de Apolo; na Neméia, em honra de Zeus, e no istmo de Corinto, em honra de Poseidon. Esses concursos eram célebres, pois os vencedores recebiam um prêmio muito desejado, apesar de puramente simbólico: uma simples coroa de folhas – de oliveira em Olímpia, de louro em Delfos, de aipo selvagem na Neméia, e de pinheiro nos jogos Ístmicos. Além dessas festividades, Atenas organizava, a cada ano, as festas Panatenaicas; o prêmio desses jogos dedicados a Atena era uma ânfora de azeite proveniente das oliveiras sagradas da deusa. Os jogos Olímpicos contribuíram em grande parte para a tomada de consciência de uma identidade nacional grega.

As festas igualmente ofereciam aos helenos ocasiões para cultivar seu senso de negócios, pois não eram apenas eventos esportivos e religiosos, mas também feiras comerciais. Seu desenvolvimento coincide com uma época de grande inovação econômica. Por volta de 600 a.C., uma nova medida de riqueza revolucionou de fato o comércio: as moedas.

Durante o século 6º a.C. os gregos realizaram outros progressos, ainda mais espetaculares. As cidades-Estado desenvolveram direitos constitucionais, definindo as obrigações ligadas à cidadania, e enriqueceram as leis. Juntamente com a ascensão da classe média, essas aberturas essenciais prepararam o aparecimento das primeiras democracias.

A expansão continuava, semeando colônias e *emporía* em seu caminho, e espalhando seus produtos por toda a Europa – até no vale do Loire (em Angers), na Suécia (nas proximidades de Estocolmo), na Suíça e na Alemanha. Ao mesmo tempo, esses grandes viajantes avançaram ao longo das costas do Adriático, penetravam no norte da Itália, na Macedônia, na Trácia, e se aventuraram até as margens do Mar Negro.

Em seu posto avançado setentrional, assim como na Ásia Menor, no Egito e na Europa, os gregos deram provas de sua invencibilidade, de seu talento e de seu dinamismo. Além disso, já na aurora do século 5º a.C., se preparavam para produzir a grande idade clássica, fonte de inspiração para o mundo ocidental, e um dos mais belos períodos da história do gênero humano.

## **ATENAS: A OITAVA MARAVILHA DO MUNDO**

Jamais a história do homem conheceu “tamanho profusão de gênios e tantas altas realizações em tão pouco tempo” como no apogeu da civilização ateniense. Entre 480 e 400 a.C., os dirigentes de Atenas transformaram a organização política da cidade, enquanto os generais gregos alcançavam extraordinárias vitórias. Poetas, arquitetos e escultores realizaram obras de uma perfeição raramente igualada. Quanto aos sábios e aos filósofos, possibilitaram o progresso do espírito humano pelos caminhos da reflexão e do autoconhecimento. Atenas se tornou tão poderosa, e foi tão grande seu esplendor, que frequentemente se fala desse período como de uma idade de ouro. Na verdade, seria o caso de falar em uma idade de prata, pois esse metal foi a base da prosperidade da cidade, como relatam os escritos de Heródoto, Xenofonte e Demóstenes.

Atenas retirava o metal prateado principalmente das minas de Laurion, situadas a 40 quilômetros, em uma região de relevo acidentado.

Nada indicava, no século IX a.C., que as choupanas de uma pequena colina dominando o Mar Egeu iriam se transformar em uma grande cidade, centro de um vasto império. Como imaginar o brilhante futuro da região diante dos campos pedregosos e das poucas encostas de onde os habitantes da Ática, a duras penas, arrancavam sua subsistência? Na mesma época, várias cidades-Estado já tiravam proveito da atividade pastoril e agrícola, bem como do progresso da fundição de ferro. A partir de meados do século 8º a.C., fundaram colônias por todo o Mediterrâneo, encontrando matérias-primas e novos parceiros comerciais.

Não se pode dizer que Atenas tenha sido totalmente desfavorecida pela natureza. Para começar, estava em um ponto particularmente conveniente da península da Ática, na extremidade sudeste da Grécia central. Havia sido construída em meio a uma pequena planície que se abria largamente para o mar, a Baía de Falera, em um território de relevo escarpado, onde o comércio essencial se fazia por mar. Protegida ao norte pelo Monte Aegaleos e ao sul pelos altos picos da cadeia do Imittos, a Ática era o ponto de convergência ideal, na hipótese de as aldeias espalhadas desejarem se reunir para formar uma confederação. De mais a mais, suas terras eram ricas em mármore da mais bela qualidade e em argila, dois materiais que lhe permitiriam realizar edificações, cerâmica, monumentos e objetos cuja beleza ainda hoje continua a fascinar o mundo. Porém, naquele momento Atenas ainda vegetava, enquanto as cidades-Estado das quais iria se tornar rival se expandiam.

Durante muito tempo os historiadores tentaram explicar por que Atenas mostrou tal atraso em relação a outras cidades gregas. As pesquisas efetuadas durante dezenas de anos no sítio da Ágora - centro político, cultural e comercial da cidade - por arqueólogos da Escola Americana de Estudos Clássicos de Atenas trouxeram uma resposta a essa questão. John Camp, responsável pelas obras de exploração desde 1987, notou que, embora não tivesse encontrado em Atenas praticamente nenhum vestígio da época arcaica, muitas covas talhadas na rocha foram identificadas como poços datados desse período.

Graças aos fragmentos de cerâmica descobertos no fundo desses poços, os especialistas sabem que foram utilizados até cerca do ano 700 antes de nossa era, antes de ser bruscamente abandonados. Ao constatar, pelo estudo das sepulturas da época, um grande aumento da mortalidade e uma sensível diminuição da população, John Camp

deduziu que a Ática deve ter sido assolada simultaneamente por uma seca e uma epidemia. Provocando uma forte redução do número de atenienses, uma catástrofe de tal envergadura poderia muito bem ter sido o único entrave ao desenvolvimento e à expansão da região.

Em 594 a.C. Sólon foi nomeado arconte e recebeu poderes extraordinários. Proclamou a abolição das dívidas e promulgou leis autorizando os atenienses do sexo masculino, com exceção dos mais pobres, a participar do governo e da Justiça. Concedeu direito de voto e igualdade a todas as classes na Assembléia do povo, onde se discutiam os negócios da cidade. Foi exilado pelos tiranos e não tardou para que muitas de suas reformas fossem abandonadas. Mas o seu nome permaneceu ligado à vasta reforma social e política que determinou o desenvolvimento de Atenas. Quanto aos atenienses, haviam provado o gosto da democracia e não iriam esquecê-lo facilmente.

Nos anos seguintes, homens ambiciosos tentaram se impor. Tal fato era comum nas cidades, que davam o nome de “tiranos” a esses soberanos improvisados. Entre eles figurava Pisístrato, que tomou o poder pela primeira vez em 570 a.C. Foi deposto e exilado por duas vezes, sendo a segunda durante onze anos, por não conseguir melhorar a catastrófica situação econômica da cidade. Em 545 a.C., ele conseguiu finalmente tomar o controle da Ática. Até sua morte, em 528 a.C., Pisístrato contribuiu muito, se não pela liberdade de Atenas, pelo menos para seu progresso. Teve papel determinante no desenvolvimento econômico da cidade e no despertar da consciência cívica de seus habitantes.

A aristocracia ateniense tentou retornar o poder, mas Clístenes, eupátrida partidário de Sólon e tio-avô de Péricles, foi levado ao poder por uma revolução popular; ao assumir, pôs em prática um programa de vastas reformas, que terminaram por dar um governo democrático a Atenas entre 506 e 500 a.C.

Atenas se tornara o que atualmente chamamos democracia, um Estado no qual o povo (demos) exerce a soberania. No século 4º a.C., Aristóteles assim definiu as bases do sistema democrático: “É a eleição, pelo povo, de representantes saídos do povo; o conjunto de cidadãos governa cada um, e cada um, por sua vez, exerce seus direitos políticos sobre todos os outros”.

No início do século 5º a.C., quase metade do mundo grego – toda a Ásia Menor e o litoral norte do Mar Egeu, até a Macedônia – havia caído sob o domínio da Pérsia. Insatisfeitos com as pesadas taxas impostas pelos persas, as elites da Grécia estimularam a revolta de seus compatriotas.

A vitória contra os persas no ano de 490 a.C., em Maratona, nas costas da Ática, levou Atenas ao primeiro plano no mundo grego, eclipsando as demais cidades-Estado – inclusive Esparta, a mais poderosa cidade do sul da Grécia desde meados do século 6º a.C. os espartanos, conservadores e adeptos de soluções militares, sempre haviam olhado com desconfiança as mudanças que ocorriam na Ática. O triunfo dos atenienses e o fato de assumirem o primeiro plano nos assuntos militares da Grécia, despertaram nos habitantes de Esparta o mais profundo despeito, que algumas décadas mais tarde explodiria na guerra do Peloponeso. Esse conflito, no qual as duas cidades-Estado se defrontaram de 432 a 404 a.C., terminou com a capitulação de Atenas, mas também custaria à Grécia sua liberdade e sua prosperidade.

Enfrentando nova investida dos persas, em 480 a.C., agora liderados por Xerxes, filho e sucessor de Dario, os atenienses, apoiados pelos espartanos, venceram a invasão persa, na batalha naval na Ilha de Salamina, custando, entretanto, o arrasamento de Atenas.

Tendo todas as razões para se regozijar com a vitória sobre os persas, os atenienses devem ter ficado com o coração apertado ao ver o estado em que o invasor deixara sua cidade, conforme o historiador Tucídides descreveu: “Dos muros da cidade

havam sobrado apenas pequenas porções....” Na Acrópole, os templos, os santuários e as estátuas haviam sido devastados e profanados.

Temístocles, homem de Estado responsável pela construção da frota de trirremes que levou à vitória ateniense, mobilizou seus concidadãos para reconstruir o resto da cidade. Foi assim que, em 479 a.C., os atenienses cercaram sua cidade com uma sólida muralha.

A vitória de Salamina havia feito de Atenas a primeira potência marítima do mundo grego. A nova posição dos atenienses lhes valeu uma prosperidade sem precedentes, mas também trouxe consequências políticas que os obrigava, principalmente, a estar sempre preparados para fazer face a eventuais agressores. Essa foi a razão de Atenas ter formado uma aliança contra a Pérsia, em 477 a.C., reunindo gregos da Ásia e de várias ilhas; foi batizada de Liga de Delos, nome da pequena ilha na qual era guardado o tesouro formado pelas contribuições de seus membros. As cidades da liga podiam pagar em prata ou em navios, mas a maioria escolheu a primeira solução. Considerando-se a cidade mais forte graças a suas poderosas trirremes, Atenas passou a tratar seus aliados como vassalos. Quando, em 454 a.C., o tesouro comum foi transferido para a Acrópole, a Liga de Delos tinha o ar de um império ateniense.

Quando a República ateniense brilhava com maior esplendor, o chefe Péricles, que por parte de mãe descendia da ilustre família dos Alcmeônidas, se firmou na Assembléia do povo pela pujança de seu discurso. Monopolizou a cena política durante trinta anos e completou as reformas democráticas iniciadas por Clístenes, seu tio-avô. Porém, foi sobretudo por ter feito de sua cidade uma metrópole resplandecente, emblema da civilização e da arte Antigas, e também pelos meios controversos que empregou, que o grande homem de Estado ateniense passou para a posteridade.

Péricles obrigou os membros da Liga de Delos a contribuir para a grandeza de Atenas, desprezando as críticas e afirmando que a cidade “de democracia tinha apenas o nome e que, na realidade, o governo era exercido apenas por um cidadão”. A prata dos aliados desse modo, serviu para financiar a reconstrução dos edifícios públicos, de mercados cercados por colunatas, de teatros e ginásios, dentro da cidade e em seus arredores. Péricles confiou a Fídias a direção estética da edificação dos monumentos da Acrópole, colocando a seu dispor os melhores arquitetos e artistas da época.

A Acrópole foi transformada em uma espécie de pedestal, coroado por templos e estátuas. O acesso era feito pela porta monumental dos Propileus, que havia substituído a entrada anterior, mais modesta. A mais ou menos 40 metros dali, praticamente no mesmo alinhamento dos Propileus, se erguia uma imensa estátua, em bronze, de Atena Promachos (combatente de primeiro nível), esculpida por Fídias entre 465 e 455 a.C., para comemorar a vitória ateniense em Maratona. A 50 metros da estátua de Atena Promachos, no local em que um soberano micênico construía seu palácio sete séculos antes, Péricles decidiu edificar um templo, que foi chamado Erecteion. O santuário abrigava uma antiga efígie de Atena Polias em madeira e altares consagrados aos cultos de Zeus, Possêidon e Hefesto, deus do fogo e das forjas. Sem dúvida, isso explica os diferentes níveis e a diversidade do edifício, assim como os dois pórticos da fachada ocidental. Em direção ao sul, estava a jóia de Péricles, o Partenon, cuja edificação fora confiada aos arquitetos Ictino e Calícrates.

De acordo com Plutarco, os principais monumentos da Acrópole foram edificados com uma rapidez estonteante. “As pessoas imaginaram que a construção de cada monumento iria se prolongar por algumas gerações, mas todos foram edificados durante a idade de ouro de um único governo”.

Graças à criatividade e ao gênio dos que embelezaram a Acrópole, Atenas se tornou a capital aristocrática da Grécia. A beleza do Partenon e a perfeição de suas linhas testemunham a prosperidade, o esplendor, a elegância, o refinamento e a determinação dos atenienses contemporâneos de Péricles. Generosos doadores afluíram de todo o

mundo grego, oferecendo altares e estátuas destinadas à Acrópole, de tal modo que o lugar em pouco tempo parecia, para repetir a expressão de um pesquisador, “um museu ao ar livre consagrado à arte, à religião e à história, repleto a ponto de estourar”.

Quanto à Ágora, centro político, cultural e comercial de Atenas, na imensa praça, monumentos comemoravam os triunfos da cidade. Em volta, edifícios públicos serviam de moldura ao exercício da democracia. Adiante, havia uma profusão de casas e choupanas, habitadas pelos que haviam feito de Atenas a capital da Grécia. Na extremidade sudeste da Ágora, um animado quarteirão comercial com lojas, oficinas e pelos menos uma florescente taverna, além da Casa de Moeda de Atenas. Em torno de toda a Ágora, galerias de colunatas ofereciam abrigo contra chuva ou o sol, tudo localizado pela arqueologia moderna.

De acordo com antigos textos, Sócrates, além de Zenão de Cítion e Xenofonte, frequentavam assiduamente a Ágora. Em 409 a.C., Sócrates, acusado de tentativa de corrupção da juventude, foi condenado a beber cicuta. Após sua morte, seu mais brilhante discípulo, Platão, deixou Atenas para viajar. Ao retornar começou sua escola de filosofia, chamada de Academia, em uma região a noroeste de Atenas.

Quando Platão morreu, em 348 a.C., a Academia já começava a entrar em declínio. Também já se fora o tempo em que as cidades-Estado independentes sabiam se unir contra um inimigo comum, como haviam feito contra o invasor persa. A democracia vacilava em Atenas e em outras cidades devido à situação econômica cada vez mais desastrosa e aos homens políticos, que gastavam seu tempo se defendendo dos ataques pessoais, em lugar de se ocupar dos interesses da cidade.

### ***UM MUNDO GREGO: UM SONHO QUE SE REALIZA***

Para os cidadãos de Atenas e de outras cidades-Estado helênicas, seus vizinhos do norte eram vistos como estrangeiros distantes e um pouco primitivos. Os macedônios conservavam seus costumes tribais arcaicos, abandonados havia muito pelos habitantes do sul. Não tinham experiência alguma da democracia. Ao longo de sua história, as regiões montanhosas e as férteis planícies das terras baixas da Macedônia foram divididas em quatro reinos. No entanto, nas terras baixas reinava a dinastia dos Argeades, da qual Filipe II, pai de Alexandre Magno, se originou, que há tempos se considerava suserana de seus vizinhos das terras altas, para os quais essa relação variava a cada geração, de acordo com a competência do soberano argeade para impor sua vontade.

Os Argeades acreditavam que sua linhagem remontava a Hércules, herói mítico de força indomável, nascido de Zeus e Alcmena, a mais nobre das mortais. A linhagem se proclamava “descendente de Zeus” e Filipe II – que subiu ao trono em 359 a.C. – cunhou moedas com a efígie de Zeus e Hércules, para lembrar ao mundo a origem dos Argeades. A maioria de nossos conhecimentos sobre a vida de Filipe II da Macedônia vem de historiadores que, como Plutarco, escreveram cerca de três ou quatro séculos depois da morte do soberano, reunindo informações de fontes gregas hoje desaparecidas.

A partir de 358 a.C., Filipe da Macedônia começou a impor sua lei na região inteira. Subjugava pela força aquilo que não podia obter pela diplomacia: fomentou a rebelião e a dissensão entre as cidades-Estado da Grécia; acossou os navios atenienses, aos quais impôs uma batalha incessante pelo controle das rotas comerciais, primordial para todos; e, finalmente conquistou uma imensa porção do sudeste da Europa – do Mar Negro ao Adriático e do Danúbio ao Golfo de Corinto.

Em 338 a.C. avançou sobre Queroneia, a sudeste do Parnaso, derrotando atenienses e tebanos, fazendo soar o dobre de finados da idade de ouro das cidades-Estado autônomas da Grécia antiga.

Filipe II se impôs como chefe de uma nova confederação helênica. Não era mais o caso de marginalizar os macedônios e considerá-los como bárbaros estrangeiros no mundo helênico, pois eles estavam no centro do poder.

Com o assassinato de Filipe II, em 336 a.C em Vergina, Grécia, assume o poder Alexandre, o Grande, seu filho.

Depois de quatro anos, metade do Império Persa – que naquela época se estendia, a oeste, até a Fenícia e ao Egito – caíra nas mãos do grande conquistador. Tendo conquistado o império persa, se voltou para o sul e entrou no vale do Indus, em 327 a.C.. Embora Alexandre, o Grande, não tenha conseguido submeter toda a Índia, sua energia realizou prodígios. O Macedônio fundou cidades, desenvolveu o comércio, melhorou a administração pública e construiu estradas, bem como portos. Quanto à implantação da cultura grega, procedeu de maneira muito prática, casando a elite de seus oficiais com mulheres persas.



A morte surpreendeu Alexandre, o Grande, na Babilônia, na manhã do dia 10 de junho do ano de 323 a.C., algumas semanas antes de completar 33 anos. A causa de seu falecimento é controversa. Ptolomeu Sóter, o fiel general, sepultou seu mestre em Mênfis, mais tarde trasladado, por um dos descendentes de Ptolomeu, para Alexandria onde permaneceu até o século 4º de nossa era, quando então se perdeu o paradeiro do corpo.

Depois de sua morte, seu império foi dividido em três regiões, cada uma atribuída aos descendentes de um antigo companheiro de armas de Alexandre: os herdeiros de Ptolomeu receberam o controle do Egito, inaugurando uma dinastia que perduraria por mais de 250 anos. A Macedônia e a Tessália passaram a outro general, Antígono, o Caolho. As cidades gregas do sul permaneceram sob a influência de seus vizinhos do norte, embora oficialmente recuperassem a independência. Na outra margem do Mar Egeu, Seleuco, outro lugar-tenente de Alexandre, conseguiu unir em um só reino a maior das conquistas asiáticas do Macedônio, com exceção dos territórios que o rei indiano, Chandragupta, recuperou pela força.

Depois da morte de Alexandre, Alexandria, “a mãe nutridora dos homens e de todas as nações”, tombou sob a dependência dos Ptolomeus, assim como todo o Egito. Seus novos mestres aproveitaram para enriquecer às expensas das florescentes atividades comerciais e agrícolas da região. Mas consagraram uma parte de suas riquezas à realização de dois projetos altamente ambiciosos, que fizeram de Alexandria a grande antecâmara da civilização helênica.

O primeiro, o Museu, se destinava a acolher os maiores sábios da época e permitir a eles que continuassem livremente suas pesquisas, hospedando-os em um local agradável e retirado. Esse estabelecimento se consagrou essencialmente à difusão da cultura grega. Quanto à cultura egípcia propriamente dita, os especialistas em cultura helenística reunidos em Alexandria consideravam que, no máximo, fazia parte de um mundo longínquo e exótico.

A segunda grande realização dos Ptolomeus foi a Biblioteca, que se tornou um verdadeiro mito desde sua fundação. Sua missão era reunir e conservar todos os textos que a literatura grega tivesse produzido nas mais diversas áreas do conhecimento, para evitar que o saber dos Antigos se perdesse, ou caísse no esquecimento. Para isso, a biblioteca de Alexandria adquiriu uma impressionante quantidade de documentos, de modo que em seu apogeu era depositária de uma coleção de meio milhão de manuscritos. Para facilitar a formação dos arquivos, Ptolomeu III promulgou uma lei pela qual todos os navios que fizessem escala no porto eram obrigados a levar às autoridades



locais os textos existentes a bordo, para serem copiados. Contudo, em vez de devolver os originais, os responsáveis pelo estabelecimento restituíam apenas a cópia.

Ao encetar uma negociação com os proprietários de obras importantes, os Ptolomeus e o diretor da biblioteca de Alexandria não se prendiam a escrúpulos, ou a princípios morais. Assim, quando a cidade de Atenas admitiu cheia de reticências, emprestar os manuscritos das tragédias de Ésquilo, Sófocles e Eurípides, exigindo como garantia o depósito de uma grande soma em prata, eles não hesitaram e deixaram de devolver as obras-primas dos dramaturgos gregos. Porém, a despeito de suas riquezas, os dirigentes de Alexandria não conseguiram proteger eternamente sua preciosa biblioteca, que desapareceu em um incêndio no século 1º a.C., quando os romanos atacaram a cidade, comandados por Júlio César.

Os Ptolomeus não eram os únicos soberanos do mundo helênico a nutrir grandes ambições. No início do século 2º a.C., a dinastia dos Atálidas, que estendera seu poder no noroeste da Ásia Menor, desejou dar a Pérgamo, capital de seu reino, um brilho comparável ao de Alexandria. Átalo I também dotou sua cidade de uma biblioteca na qual residiam os eruditos encarregados de pesquisar os textos e recrutar escribas e copistas nos quatro cantos do mundo grego.

Os habitantes de Alexandria, descontentes com as pretensões de seus novos rivais, decidiram interditar as exportações de papiro, na esperança de eliminar seus concorrentes ao privá-los da matéria-prima necessária à fabricação dos rolos. Mas os cidadãos de Pérgamo, aos quais não faltava engenhosidade, replicaram com o aperfeiçoamento de outro material para a escrita, elaborado à base de pele de carneiro ou de cabra, ao qual deram o nome de pergaminho (em latim, *pergamena*), a partir do nome da cidade em que a técnica foi inventada.

A antiga cidade de Pérgamo se situava no local da atual Bergama, na Turquia, a 32 quilômetros da margem do Mar Egeu. Em seu apogeu, era uma cidade magnífica, cuja acrópole, situada em uma montanha, dominava a planície costeira do alto de cerca de 300 metros. Os arquitetos responsáveis pela construção de seu centro dotaram-na de monumentos grandiosos, carregados de ornatos nos mais puro estilo helênico. Porém, o monumento mais impressionante de Pérgamo, desaparecido em um abalo sísmico que devastou a cidade, na Idade Média, era o célebre altar monumental consagrado a Zeus. Seu envasamento ostentava um friso colossal de 112 metros de comprimento, representando os combates dos deuses contra os gigantes, fazia parte das maravilhas mais conhecidas do mundo antigo. Seus vestígios estavam perdidos há longo tempo, quando o engenheiro alemão Carl Humann os descobriu por acaso, no século 19.



Com o consentimento das autoridades turcas, 97 placas de mármore e 2 mil fragmentos foram levados para Berlim, onde o altar de Zeus foi restaurado e remontado; quanto a Humann, recebeu uma acolhida digna de um herói.

A dinastia dos Atálidas havia conseguido fazer de sua capital um grande centro cosmopolita e cultural, ornamentado com monumentos grandiosos, mas sua glória foi de curta duração. Em 133 a.C., seu último rei, Átalo III Filimotor, legou a Roma o reino de Pérgamo, que se tornou, desde essa época, o posto avançado da expansão romana no Oriente. Os Ptolomeus, seus grandes rivais, conseguiram se manter no poder durante mais um século, antes de tombar sob o jugo dos romanos. O último soberano da dinastia fundada por Ptolomeu Sóter, um dos principais generais de Alexandre, o Grande, foi Cesarion, filho de Cleópatra e Júlio César. A despeito de todos os esforços da rainha do Egito para que seu país escapasse do domínio romano – suas famosas ligações com César e depois com Marco Antônio sem dúvida foram inspiradas mais pelos interesses

políticos que por paixão ou amor, o reino dos Ptolomeus passou a ser uma província romana, em 33 de nossa era. Quanto à Grécia, teve idêntica sorte quatro anos mais tarde.

Fonte bibliográfica:

**Civilizações Perdidas. Grécia: Templos, Túmulos e Tesouros.** Editores de Time-Life Livros. Abril Coleções. R.J, 1998.